

A educação e o Boletim de Eugenia nos anos de 1929-1933

Édla Kerollayne Tavares da Silva (Autora)

UPE- Universidade de Pernambuco

edlakerollayne@gmail.com

Adlene Silva Arantes (Orientadora)

UPE – Universidade de Pernambuco

adlene.arantes@gmail.com

Introdução

A sociedade no início do século XX passou por mudanças causadas pela Revolução Industrial. Dentre essas mudanças temos o aumento da concentração populacional. Essa concentração gerou alguns problemas sociais como as péssimas condições de moradia, saneamento básico e consequentemente o aumento das epidemias.

A partir desse cenário, o Brasil começa a ser repensado, pois de acordo com Shneider e Meglhiortatti (2012) o país entra numa transição de uma sociedade oligárquica para urbano-industrial. Para isso, seria necessário rever a educação nacional e criar uma estratégia para a diminuição dos males sociais.

Sobre o sistema educacional até 1930, Teixeira (1976) afirma que o mesmo era selecionador e não formador. Possuía o ensino primário gratuito, porém, ineficiente. Para a grande parte da população que tinha direito apenas ao ensino primário, existiam as escolas normais e profissionalizantes. Assim, o sistema vigente promovia a imobilidade social.

É nesse cenário de mudanças políticas, sociais e econômicas onde a Europa passava por uma crise sanitária que temos a emergência do movimento eugênico. O termo “eugenia” foi criado por Francis Galton (1822-1911) para designar “o melhoramento da raça humana através da reprodução seletiva, em sua obra *Inquires to human faculties* (1883) (SANTOS, 2008).

Baseado em estudiosos como Thomas Malthus, Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin, Galton buscava relacionar características físicas e caráter, separando-as em grupos para suprimir a reprodução dos ruins e encorajar a dos “bem-dotados” (SCHNEIDER E MEGLHIORATTI, 2012).

Diante do exposto, objetivamos neste texto, que é parte de uma pesquisa em andamento, compreender as representações sociais de educadores e intelectuais sobre educação, higiene e eugenia presentes em periódicos que circulavam em Pernambuco no final da década de 1920 e início da década de 1930. Para tal, estão sendo analisados os exemplares do Boletim de Eugenia e as Actas e Tabalhos do Primeiro Congresso Nacional de Eugenia

A presente pesquisa se baseia no conceito de representação de Chartier. De acordo com o autor, os discursos captam e estruturam o mundo, nos permitindo compreender a relação entre discurso e as práticas culturais que, para o autor, são estratégias que permitem pensar e produzir a realidade. Para ele, as percepções sociais não são discursos neutros e sim estratégicos. Tendem a impor autoridade à custa dos menosprezados para legitimar escolhas e condutas.

Portanto, as lutas de representações são tão importantes quanto as lutas econômicas. A partir delas é possível assimilar os instrumentos a partir dos quais determinado grupo impõe, ou tenta impor, sua noção de mundo social.

Metodologia

A metodologia da presente pesquisa está baseada nos pressupostos da História Cultural que se dedica às diferenças, debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições de um povo. A História Cultural é vista como uma tentativa de incluir no estudo do passado, questões que eram “esquecidas” ou tidas como “difíceis” de compreender. Assim, temos o deslocamento da suposição de uma racionalidade imutável para o crescente interesse nos valores defendidos por grupos particulares em diferentes comunidades e períodos históricos (BURKE, 2008).

Como já foi mencionado, as fontes utilizadas para a construção desse texto foram o Boletim de Eugenia e as Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Nacional de Eugenia. O Boletim de Eugenia foi criado em 1929 por Renato Kehl, e circulou no Brasil entre os anos de 1929 e 1933. Teve um total de 42 exemplares que a princípio eram editados mensalmente. A partir do seu quinto exemplar, em maio de 1929, o boletim foi incorporado à *Revista Medicamenta* como uma separata, mas mantendo ainda a triagem avulsa de mil exemplares mensais (BONFIM, 2017). Permaneceu nesse esquema até 1932, onde deixou de fazer parte da *Revista Medicamenta* e passa a ser uma publicação trimestral tendo como novos diretores o dr. Octavio Domingues e o dr. Salvador de Toledo Piza Jr.

Esse periódico tinha como objetivo “*apenas auxiliar a campanha em prol da Eugénia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediante cultura, desejam também orientar-se sobre o momentoso assumpto*” (1929, v.1 p.1). Fruto de uma viagem que Kehl fizera ao norte da Europa o boletim propagava as ideias da ciência de Galton e era editado com os recursos particulares do próprio Kehl.

Em suas páginas, o Boletim de Eugenia possuía pequenos artigos sobre os ideais eugênicos, pequenas notas explicativas e notícias relacionadas à ciência de Galton. Além de tais artigos e notas, o mesmo propagava a criação do Instituto Brasileiro de Eugenia.

O nosso instituto, pois, relativamente ao Instituto de Eugénia se limitará a lançar apenas a semente, até que um milagre se faça, - surgindo, então, o novo templo onde se cuidará da *nacionalidade* brasileira, como o faz o Instituto de Eugenia de Berlin, para *nacionalidade* germânica. Já temos Instituto Agrônômico e Instituto veterinário, sendo bem possível que dentro de alguns anos, de muitos anos, depois que ficarem resolvidos os graves problemas da *broca* do café e da *broca* do gado, se cogite então de fundar um Instituto de Eugénia destinado ao estudo dos meios de combater as *brocas* do gênero humano. (Kehl, 1929).

No entanto, tal instituto nunca chegou a ser criado. Em seu lugar, no ano de 1931, foi criada a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). A CCBE se configurava como uma organização particular formada por dez membros que servia como ponto de convergência e irradiação dos ideais eugênicos. Possuía Renato Kehl como seu presidente e dentre os integrantes estavam personalidades famosas no debate das questões eugênicas. Dentre os membros temos o dr. Ernani

Lopes, presidente da Liga Brasileira de Higiene mental e o dr. Belissário Penna, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (BONFIM, 2017).

A educação e o movimento eugênico no ano de 1929

Antes de começar a falar da relação educação – eugenismo é importante lembrar a diferença entre eugenia e eugenismo.

A Eugenia é uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas. Ella tem por fim melhorar e proteger a espécie, pelo melhoramento e pela protecção das boas sementes e de seus portadores. [...] Eugenismo é a aplicação prática, social e individual das medidas que concorrem para o melhoramento humano (Kehl, 1929).

De acordo com a fala de Kehl, eugenia seria a ciência que tem como fim preservar as boas disposições hereditárias. Cuidaria da seleção e “higienização” das sementes e genes humanos. Seleção e cultivo da “boa espécie” a partir das leis da hereditariedade. Por sua vez o eugenismo se constitui como a aplicação social da eugenia. É o cuidado da educação, saneamento, higiene e preparo físico para desenvolvimento e benefício da prole humana. A eugenia é uma ciência experimental criada por Francis Galton que visa o desenvolvimento “físico e mental” do ser humano enquanto o eugenismo é uma filosofia originada na Grécia (embora ainda não recebesse tal nome).

Se existe uma frase que pode exemplificar os ideais eugênicos é “quem é bom já nasce feito”. Ao citar tal frase Renato Kehl fala que os homens se dividem em três categorias: gente inata e intrinsecamente humana, gente domesticável e gente doente ou indomável. O autor afirma que a pedagogia precisa conhecer a personalidade de cada indivíduo para poder avançar em sua educação. Fala ainda que os métodos educativos modernos são fortemente influenciados pela psicologia, mas deveriam estar atentos também aos fatores “somáticos e constitucionais”. A educação estaria impossibilitada de “domesticar” um indócil, cuja constituição é resultante de um processo hereditário irremovível.

Com a procreação ficara determinadas para o individuo, em formação, as suas futuras possibilidades de evolução, na maior parte, e de um modo regular. E’ pois de importância decisiva para a criança o como estão formadas as massas de herança que recebeu do pae e da mãe. São estas de boa qualidade, teremos um homem bem dotado e biologicamente “bem-nascido”; se, ao contrário, forem más, o individuo será mal dotado ou “degenerado”. Nenhuma força poderá alterar aheralgma coisa, pois não podemos transformar a materia e as forças ligadas às substancias hereditárias; nenhum pedagogo ou medico o poderá fazer. (Ludborg, 1929)

O papel da educação então seria o de buscar o desenvolvimento dos indivíduos a partir de suas particularidades. Baseado em tais ideais era possível identificar nas escolas a seleção e separação dos alunos para melhor trabalhar suas habilidades.

Na verdade, cada passo, na vida social, não é marcado por uma actividade que concorre para a selecção?

Quando um agrupamento está em perigo, escolhem-se os que são capazes de melhor defende-lo.

O recrutamento de um exercito é uma selecção de indivíduos de caracteres phisicos determinados, de saúde sufficiente e possuidores de um certo grau de intelligencia.

Se é necessário fazer uma selecção nesses casos, deve-se admitir também a necessidade de uma selecção para o fim de melhorar a humanidade. Nas usinas, o patrão exige o dos operários determinadas qualidades phisicas e intellectuaes.

O exame escolar não é mais que uma selecção que tem por fim tirar proveito de um ensino mais complexo. (Decroly, 1929)

Para tal, seria necessária a presença de um médico escolar que iria determinar as “aptidões intelectuais” de cada aluno. A partir dessas aptidões o ensino seria individualizado e adaptado ao estado da criança buscando a rapidez do seu desenvolvimento. Mais a frente, o prof. Decroly dá como exemplo a Bélgica onde existem instituições cujo fim é favorecer o desenvolvimento dos bem dotados.

Entretanto, mesmo se baseando no positivismo, o eugenismo não desconsiderava o meio social. Mesmo que não se possa mudar o que este geneticamente determinado, o meio teria influência para o desenvolvimento do indivíduo. Assim, uma educação inapropriada poderia inibir determinadas habilidades ou ocasionar num desperdício de boas qualidades hereditárias.

Não devemos esquecer que más condições sociaes e educação mal dirigida peoram indivíduos com boas disposições, annullam-n’as mesmo ou concorrem que estas não sejam levadas a bom termo. Más condições sociaes e educação defeituosa collocam esses indivíduos em condições tão difficeis ou inferiores, que elles morrem prematuramente ou não têm oportunidade de constituir família, perdendo-se, desse modo, as suas boas qualidades hereditárias, o que deve ser considerado uma perda para anação. (Ludborg, 1929).

Além de ter como finalidade o melhor desenvolvimento da criança a partir de suas habilidades e limitações, a educação possuía ainda cunho propagador de um “novo senso de responsabilidade para com a sociedade e com a raça” melhorando a conduta dos indivíduos e das sociedades (Kehl, 1929). Em uma pequena nota extraída da Folia Medica de 30/04/1929 e publicada no Boletim de Eugenia no exemplar n. 6-7 (os volumes foram publicados em conjunto no mês de julho), Leonardo Darwin defende a introdução da biologia nos currículos escolares, pois a constituição biológica das futuras gerações deveria estar alinhada aos interesses nacionais.

Outro assunto recorrente no boletim era a relação do eugenismo e do casamento. Sendo a eugenia a “seleção” das sementes humanas e o eugenismo a sua aplicação social, cria-se certa preocupação com o matrimônio, a maternidade consciente e a educação sexual. Em relação ao casamento, muitos cientistas defendiam e propagavam a ideia do exame pré-nupcial que serviria para alertar os futuros parceiros a respeito das doenças venéreas.

A educação sexual foi um tema constante no Boletim de Eugenia. Apostava-se numa educação que, a par do ensino correto dos meios reprodutivos, trataria das questões relacionadas às doenças venéreas, à prostituição, aos males congênitos e hereditários e à responsabilidade cívica de cada um na busca de uniões matrimoniais entre indivíduos “aptos”, submetendo-se e, ao mesmo tempo, exigindo do parceiro o exame pré-nupcial como forma de se evitar a proliferação de indivíduos “disgênicos”. (BOMFIM, 2017)

O matrimônio deveria, sob o ponto de vista do eugenista Luiz Huerta, ser convertido em assunto escolar. A educação sexual por sua vez teria como finalidade conscientizar sobre as doenças que possam ser transmitidas tanto aos parceiros quanto aos seus filhos, servindo como fator para impedimento das boas condições físicas e cognitivas do homem.

O movimento eugênico que tratava da educação como forma de conscientização, acabou influenciando diversas reformas educacionais no Brasil durante os anos 20 e 30 (Pessoa, 2015). Dentre elas temos a reforma Sampaio Dória, no estado de São Paulo, a de Anísio Teixeira na Bahia e a de Carneiro Leão em Pernambuco.

No caso de Pernambuco, é possível notar os ideais eugênicos presentes na reforma de Carneiro Leão, quando o mesmo afirma que as crianças consideradas anormais deveriam estudar em locais apropriados e preferencialmente longe das crianças "normais". As duas disciplinas introduzidas pela reforma para o ensino normal, inglês e sociologia, também eram vistas como importantes para a eugenia no meio escolar (Araújo, 2009). Segundo Carneiro Leão, a sociologia teria um papel conscientizador dos problemas sociais. Entretanto, existe o questionamento de como tal objetivo seria alcançado se a língua inglesa continuava "vetada ao magistério primário".

Considerações finais

A partir da análise dos dados levantados até o presente momento é possível perceber a importância que a educação possui para o movimento eugênico. Para o fundador e diretor do Boletim de Eugenia, a educação serviria como uma forma de acelerar a socialização de medidas para o desenvolvimento de uma geração eugenizada.

Pode-se perceber ainda que, embora educação fosse um importante instrumento do eugenismo, ela limitava-se apenas ao desenvolvimento das habilidades geneticamente pré-determinadas. Deveria existir um cuidado para que as péssimas condições sociais e uma educação má dirigida não atrapalhassem no desenvolvimento físico, psíquico e moral do indivíduo.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, C. **A reforma Antônio Carneiro Leão no final dos anos de 1920**. Revista Brasileira de História da Educação. v. 9 n. 1 [19], 2009.

BONFIM, P. R. **Educar, Higienizar e Regenerar: Uma história da Eugenia no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARNEIRO, L. Educação e eugenia. In: **Actas e Trabalhos [o] Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia**. Rio de Janeiro, 1929, p.107-116

DECROLY, O. A seleção dos bem dotados. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.10, outubro de 1929.

HUERTA, L. Os fundamentos científicos da eugénia. **Boletim de Eugénia**, Rio de Janeiro, ano 1 n.8, agosto de 1929.

KEHL, R. Educação e eugenia. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.9, setembro de 1929.

KEHL, R. Eugenia e eugenismo. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.8, agosto de 1929.

KEHL, R. Instituto Brasileiro de eugenia: ligeiro esboço – fins do instituto – O que é necessário fazer. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.2, fevereiro de 1929.

KEHL, R. Médicos, curandeiros e charlatões. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.3, março de 1929.

O nosso boletim. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, janeiro de 1929.

PACHECO, A. **As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e *campo* em Pierre Bourdieu**. ANPUH - XXII Simpósio nacional de história. Londrina, 2005.

PESSOA, M. S. A. **A educação durante a república velha em Pernambuco: Um estudo sobre a Reforma Educacional de Carneiro Leão entre os anos 1928 e 1930**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SCHNEIDER, E. M.; MEGLHIORATTI, F. A. **A influência do movimento eugênico na constituição do sistema organizado de educação pública do Brasil na década de 1930**.

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. 2º Ed. São Paulo:Companhia Editora Nacional – MEC, 1976.